

O sistema literário no Século XX

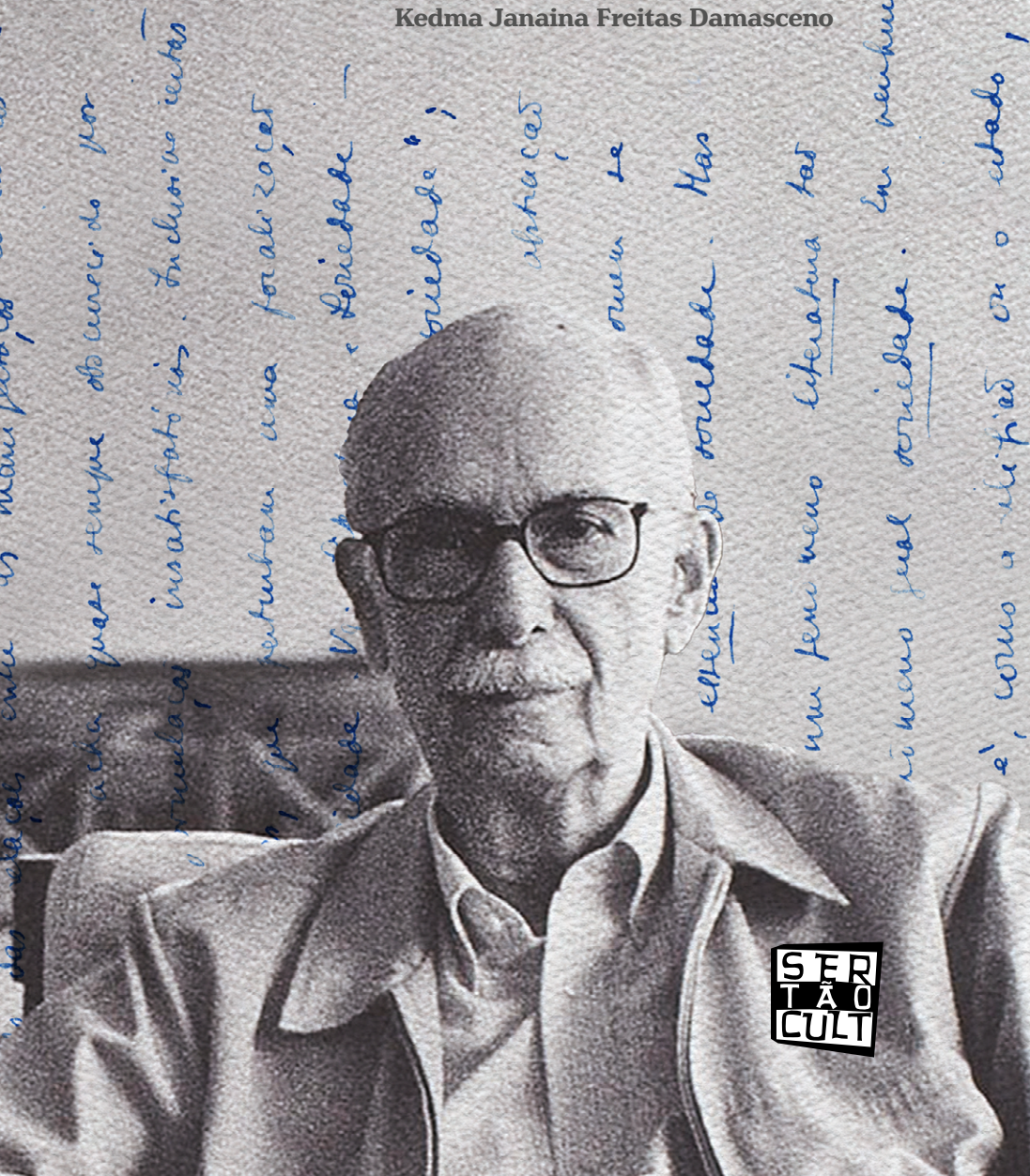
de Lima a Carolina

Organizadoras

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Irenísia Torres de Oliveira

Kedma Janaina Freitas Damasceno



SER
TÃO
CULT



insabir.

ubam una paralizoges

Vj: Bihubwa + Soviebabe -

que "no + toriebade";

se abtracas,

de

lo por

no ientro

a

1950

1950

O sistema literário no Século XX

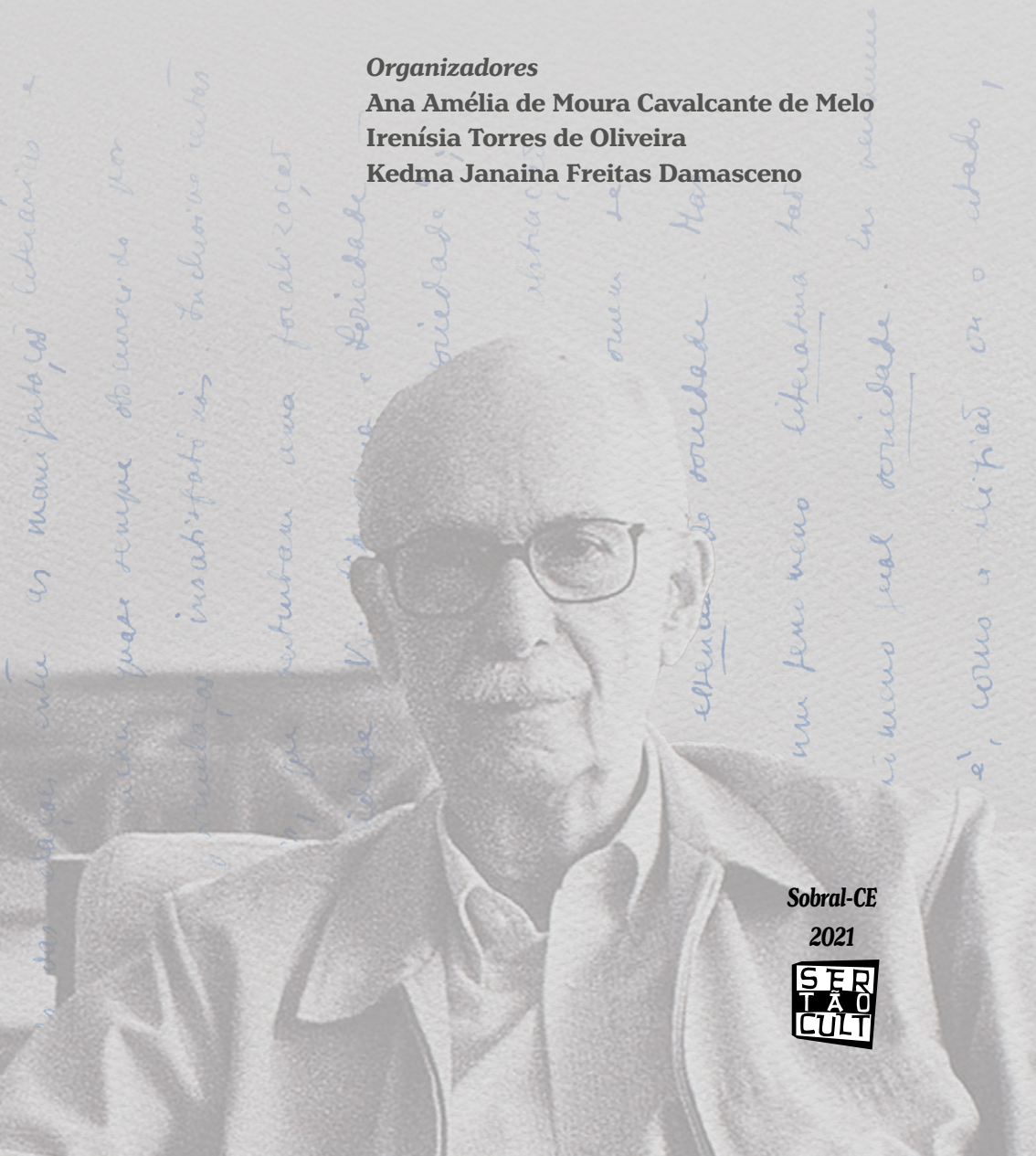
de Lima a Carolina

Organizadores

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Irenísia Torres de Oliveira

Kedma Janaina Freitas Damasceno



Sobral-CE

2021





Gilda de Mello e Sousa e Antonio Candido
em fotografia de Bob Wolferson

O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina

© 2021 copyright by Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo, Irenísia Torres de Oliveira, Kedma Janaina Freitas Damasceno (ORGs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoacult.com
sertaoacult@gmail.com
www.editorasertaoacult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de História

Andréia Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Cícero João da Costa Filho
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Raimundo Alves de Araújo
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves

Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

Diagramação

Francisco Taliba

Capa

Tarcísio Bezerra Martins Filho

Fotografias: montagem a partir de fotos de Antonio Candido (Bob Wolfenson), Lima Barreto (autoria desconhecida, 1910) e Carolina de Jesus (autoria desconhecida, compõe o acervo de Audálio Dantas)

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

S623 O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina. / Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo etc.(Organizadores). – Sobral, CE: Sertão Cult,2021.

258p.

ISBN: 978-85-67960-68-5 - papel
ISBN: 978-85-67960-67-8 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/67960678-2021

1. História. 2. Literatura. 3. Literatura brasileira. I. Melo, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. II. Oliveira, Irenísia Torres de. III. Damasceno, Kedma Janaina Freitas. IV. Título.

CDD 869.1



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Sumário

DOI: 10.35260/67960678p.7-28.2021

UMA LIÇÃO DE RESISTÊNCIA QUANDO UM LIVRO NASCE! Apresentação dedicada à memória de Andressa Barbosa de Almeida 7

Adelaide Gonçalves

DOI: 10.35260/67960678p.29-62.2021

LIMA BARRETO E O SISTEMA LITERÁRIO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX..... 29

Irenísia Torres de Oliveira (UFC)

DOI: 10.35260/67960678p.63-73.2021

EVOLUÇÃO E FORMAÇÃO DAS LITERATURAS LOCAIS 63

Rodrigo de Albuquerque Marques

DOI: 10.35260/67960678p.75-92.2021

VISTO POR DENTRO: UMA ANÁLISE DAS EDIÇÕES DE FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PREFÁCIOS..... 75

Rafaela Gomes Lima

DOI: 10.35260/67960678p.93-112.2021

FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA E SUA COMPREENSÃO SOBRE O REGIONALISMO 93

Nabupolasar Alves Feitosa

DOI: 10.35260/67960678p.113-144.2021

O LUGAR DO ROMANCE DE 30 NA LITERATURA BRASILEIRA 113

José Wellington Dias Soares

DOI: 10.35260/67960678p.145-170.2021

O MOVIMENTO MODERNISTA NO RIO GRANDE DO SUL: SUAS CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES 145

Ricardo Rodrigues Miranda

Irenísia Torres de Oliveira

DOI: 10.35260/67960678p.171-199.2021

AS REVISTAS NO SISTEMA LITERÁRIO: APONTAMENTOS SOBRE A REVISTA LITERATURA (1946-1948)..... 171

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

DOI: 10.35260/67960678p.201-207.2021

**UMA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DA LITERATURA POPULAR
NA HISTORIOGRAFIA LOCAL E NACIONAL..... 201**

Marcus Sales

DOI: 10.35260/67960678p.209-231.2021

O CONCRETISMO E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO 209

Kedma Janaina Freitas Damasceno

DOI: 10.35260/67960678p.233-252.2021

**CAROLINA E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO:
NOTAS SOBRE CLASSE E EXCLUSÃO 233**

Emanuel Régis Gomes Gonçalves

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 253

SOBRE OS AUTORES 255



AS REVISTAS NO SISTEMA LITERÁRIO: APONTAMENTOS SOBRE A REVISTA *LITERATURA* (1946-1948)

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Introdução

Antonio Candido, na *Formação da Literatura Brasileira*, chama a atenção para a interação dinâmica existente entre autor-obra-público.¹ Para o crítico, essa interação é o que permite o desenvolvimento de um sistema literário em sentido pleno, ou seja, um sistema identificado por um conjunto de obras ligadas organicamente, que apresentam características internas comuns, produtores que possuem algum nível de consciência e identidade de grupo e receptores que formam um público leitor. Esse conjunto estabelece para Candido uma relação profundamente dialética. De forma alguma os elementos externos determinam mecanicamente

¹ Candido, A. *A Formação da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Itatiaia, 1997, p. 16.

uma obra literária, no entanto eles podem elucidar e permitir uma compreensão mais complexa e rica do texto literário.

A mesma discussão é desenvolvida pelo crítico paulista no artigo “O escritor e o público”, que compõe o livro *Literatura e Sociedade*.² Candido retoma a necessidade de a investigação da obra literária deter-se nesses elementos externos. Estes permitem compreender a obra a partir do seu lugar social. Importa examinar como o autor e a escrita se situam nas correntes literárias, nos debates estéticos, e de que maneira foram influenciados e influenciaram a sociedade ou grupos dessa sociedade. O escritor ocupa uma posição no grupo, entre escritores, e estabelece relações vinculadas ao reconhecimento de sua obra. A ligação com o meio influi sobre a forma e a matéria abordada pelo escritor. Nesse sentido, Candido ressalta a maneira como se estabelece o nexos entre o público e o escritor, e de como a opinião literária estabelecida no interior dos grupos literários é difundida e mediada por meio de revistas, jornais, panfletos etc. O crítico chama a atenção para a função desses instrumentos de comunicação e divulgação como elementos constitutivos do sistema literário.

Neste estudo, pretendo analisar essas conexões a partir da revista *Literatura*, que circula no Rio de Janeiro desde setembro de 1946. Dirigida por Astrojildo Pereira, tinha no Conselho de Redação nomes como Álvaro Moreira, Aníbal Machado, Arthur Ramos, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira e Origenes Lessa, além do secretário Jorge Medauar e do gerente Antonio Ferreira da Silva. Esse grupo de intelectuais permaneceu o mesmo até a extinção da publicação, quando chegou ao número dez, ao cabo de seu segundo ano, em outubro de 1948. A revista, além de curto fôlego, foi uma publicação instável, que não conseguia cumprir a periodicidade mensal. Apesar das dificuldades, a revista é reveladora das perspectivas literárias e

2 Candido, A. O escritor e o público. In: *Literatura e Sociedade*, Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006, p. 87 e seguintes.

da atuação de um grupo de escritores e intelectuais que, de forma alguma, era iniciante. Procuo aqui examinar essa publicação identificando os colaboradores mais próximos, assim como seus objetivos e características.

Literatura é poucas vezes mencionada nas investigações sobre as revistas e jornais da década de 1940 ou mesmo nas pesquisas sobre os intelectuais do período. Antônio Rubim, em seu estudo sobre os intelectuais do Partido Comunista, refere-se a ela como uma publicação ligada ao Partido, porém que recebia pouca atenção por tratar-se de interesses de Astrojildo Pereira (RUBIM, 2007, p. 320). Identificação semelhante é realizada no estudo de Palamartchuk, no qual a revista é apresentada como um projeto de Astrojildo após consulta ao Comitê Central. No entanto, para essa autora, a revista visava aglutinar um grupo mais amplo de intelectuais não apenas ligados ao partido. A constituição do Conselho editorial refletia essa perspectiva (PALAMARTCHUK, 2003, p. 315).

Importante trabalho sobre *Literatura* é apresentado por Raul Antelo, que dedica a ela um capítulo de seu livro *Literatura em Revista* (ANTELO, 1984). Antelo também situa a revista numa estratégia ampla do PCB, mas acentua que, ao ser conduzida por Astrojildo Pereira, este procurou imprimir uma direção menos ortodoxa, na qual fosse possível um diálogo que ultrapassasse as fronteiras do PCB. Segundo Antelo, entre o primeiro e o quinto número, “o mútuo namoro entre UDN e PCB” se tornou patente na revista (ANTELO, 1984, p. 239).

Outras pesquisas apontam ainda para a descontinuidade do grupo mais amplo, reafirmando uma “política de gueto” que a guerra fria estimulava (BARBOSA, 2010). Seria precisamente nesse clima de tensão e perseguição aos comunistas a partir de 1947 que é identificado o marco inicial de divulgação do realismo socialista (ARAÚJO,

2012, p. 121). Como nos fala Moraes, a partir de 1945, logo após o fim do Estado Novo, respirou-se um clima de diálogo e euforia democrática, que permitiu publicações como *Literatura* contar com diversos colaboradores apresentando um perfil engajado, mas não necessariamente da militância comunista (MORAES, 1994, p. 138).

Identificar a natureza desta revista e sua importância no âmbito da produção da época parece ser objetivo fácil se nos detemos no caminho já traçado de órgão direto do PCB. Procuo aqui examinar mais detidamente a proposta literária deste grupo de escritores. Obviamente que sua singularidade se encontra nesse vínculo, que ela procura acentuar como inseparável do escritor como sujeito político. Entretanto, vale a pena observar de que maneira compreende isso, como toma a literatura para refletir sobre estas questões.

A revista: de livros e engajamentos

Literatura era uma revista com aproximadamente oitenta páginas, composta de artigos sem ilustrações. Na capa, vinha o título em letras garrafais centralizado. Logo abaixo, à esquerda e em letras menores, aparecia a cidade de sua publicação, ou seja, Rio de Janeiro, e do lado oposto a datação do número, com o mês e ano. Em seguida, como sumário centralizado, estavam listadas as seções com os respectivos artigos. No final da capa, em cada extremidade, estavam à esquerda o ano e, à direita, o número.

Por sua vez, na contracapa vinham informações sobre a equipe de redação, diretor, os valores das assinaturas, endereço, além de uma pequena nota informando sobre o pagamento de direitos autorais aos colaboradores. Na contracapa também eram feitos anúncios de outras publicações. Predominava propaganda de livros, editoras e revistas, especialmente autores do pensamento marxista como livros de Lenin, Marx, Engels e Stalin. Além desses, anunciavam com

frequência os lançamentos de literatura brasileira e internacional. Ao lado de chamadas de coleções como de obras de Balzac, eram apresentadas propagandas de pasta de dentes, seguradoras, sabão, corretoras de imóveis etc. Desde o primeiro número, foram publicados anúncios de editoras como Vitória, Horizontes e Globo. Os livros eram de filosofia, coleções de clássicos da literatura brasileira e universal da editora Globo; e revistas e jornais, como *Revista do Povo*, *Problemas*, *Psyke* e o jornal *A Manhã*, de Aparício Torelly. Também era comum que o anúncio apresentasse uma listagem de títulos com preço e local de vendas.

No conteúdo da contracapa inicial, como já indicado, aparecia a informação de pagamento de direitos autorais. A nota afirmava que estes eram pagos na tesouraria da Associação Brasileira de Escritores (ABDE). A revista funcionava no sétimo andar do Edifício Regência, localizado na Rua Alcindo Guanabara, n. 17, no Centro do Rio. Em março de 1948, anunciou mudança de endereço para a Rua México, n. 41. Da Associação, faziam parte todos os membros que compõem o Conselho Editorial de *Literatura*.

Além deste, do diretor, do secretário e do gerente, a revista *Literatura* teve uma lista de colaboradores nada desprezível. Nela se encontravam nomes conhecidos, como Carlos Drummond de Andrade, Octávio Tarquínio de Sousa, Aparício Torelly, Lucia Miguel Pereira, Francisco de Assis Barbosa, Jorge Amado, Moacyr Werneck de Castro e outros atualmente menos conhecidos. Algumas contribuições eram mais frequentes.³

Em termos formais, ela sofreu poucas alterações ao longo dos dois anos. Na capa apareciam as seções, seguindo a lista dos autores

3 Contabilizei 53 nomes que publicaram, pelo menos uma vez, em *Literatura*. Desses, apenas Werneck de Castro, Valdemar Cavalcanti, Manuel Bandeira, Edson Carneiro, Jorge Medauar, Álvaro Moreyra, Lucia Miguel Pereira, Astrojildo Pereira, Jorge Amado e Floriano Gonçalves publicaram mais de uma vez.

e título dos artigos. Desde o primeiro número, a revista exibiu os artigos iniciais sem agrupá-los em uma seção específica. Eram textos que não obedeciam a uma ordem temática determinada e tratavam de literatura brasileira e estrangeira. Também eram publicados discursos e saudações emitidas nos Congressos da Associação Brasileira de Escritores (MELO, 2011). Essa primeira parte era seguida das seções *Vozes do Mundo*, *Crônicas*, *Revistas das revistas*, *Documentos* e *Notícias*. O formato alterou-se no número três, quando é suprimida a seção *Crônicas* e aparece a seção intitulada *Os dias e as Obras*. Mantiveram-se *Documentos* e *Notícias*. O mesmo feitiço permaneceu até o último número, que apresentou uma ligeira mudança depois da seção *Vozes do Mundo*. Neste número dez, surgiu uma seção intitulada *Debates de Literatura*.

A descrição acima permite entender as transformações e compreender seu significado numa publicação que não conseguiu seguir além dos dez números mencionados. A revista sofreu constantemente atrasos, como previu seu editor desde o primeiro número. Alertando os leitores, afirmou:

Bem sabemos como é difícil organizar e manter uma revista deste tipo e com estes propósitos, e somos os primeiros a prever que não poucas dificuldades se apresentarão à nossa frente. Esperamos vencê-la gradativamente, com alguma pertinácia própria e sobretudo com a ajuda vigilante dos nossos amigos. Deficiências e debilidades – que o leitor facilmente verificará – serão assim superadas, com o correr do tempo, de sorte a podermos melhorá-la de mês a mês, imprimindo-lhe maior eficácia e utilidade (LITERATURA, 1946).

A declaração demonstra algum conhecimento e experiência com as dificuldades de uma publicação. A maioria dos escritores desse projeto e dos seus colaboradores atuava em outros jornais e revistas

do período. Seus editores sabiam que os problemas não eram apenas financeiros, mas também políticos. Apesar da promessa de redemocratização, o governo Dutra mantinha a censura e controle como uma ameaça constante.

Nos primeiros dois números, a publicação obedece à periodicidade mensal proposta. A partir do terceiro iniciam-se os atrasos, que vão até o número final. Em todo o ano de 1947, apenas três números são impressos e, no ano seguinte, a publicação também terá apenas quatro números disponíveis.

O Conselho de Redação de *Literatura* era formado por um grupo de intelectuais que, no período, exercia uma intensa atividade na vida cultural e literária do país. Graciliano Ramos, a esta altura, já tinha publicado suas obras mais importantes, como *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938), além de ter sido preso quando em Maceió desempenhava a função de Diretor da Instrução Pública. Também nesse período já havia se filiado ao Partido Comunista (MORAES, 1996, p. 210).⁴

Da mesma forma, Álvaro Moreira, em 1946, possuía uma sólida participação na vida cultural e política do país. Além de ter tido uma atuação no movimento modernista dos anos 1920, dirigiu diversos jornais e revistas, como *Para Todos*, *Dom Casmurro*, *O Malho* e *Ilustração Brasileira*. Nesse momento, também era um dos escritores vinculados ao PCB⁵, apresentando-se como um dos intelectuais candidatos nas eleições parlamentares de 1945.

Igualmente, Aníbal Machado era um escritor e intelectual reconhecido, com uma forte atuação no mundo cultural do Rio de Janeiro. Desde os anos 1920, vinculou-se aos grupos intelectuais vanguardistas, ainda em Minas Gerais, quando com Drummond

4 Graciliano Ramos se filia ao PCB em 18 de agosto de 1945. In: MORAES, D. (1996, p. 210).

5 Em novembro de 1945, Álvaro Moreyra foi um dos candidatos a deputado pelo Partido Comunista no Rio Grande do Sul. *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 14/11/1945, p. 1 e 2.

ligou-se ao grupo modernista do *Diário de Minas*. Sua estreia literária foi em 1944, com *Vila Feliz* (MOISÉS, 1999). Aníbal, junto com Álvaro Moreyra, em 1945, participa ativamente no I Congresso Brasileiro de Escritores. O primeiro como presidente do Diretório Central do Congresso, e o segundo como delegado do Distrito Federal. Álvaro Moreyra, por sua vez, entre 1937 e 1941, com alguns intervalos, atuou como redator chefe do Jornal *Dom Casmurro*, do Rio de Janeiro (LUCA, 2013). Aníbal Machado também participou desse jornal literário como um dos seus colaboradores.

Outro escritor importante nesta época e que comporia o grupo seletivo do Conselho de Redação era Manuel Bandeira. Naquele ano de 1946, ele já possuía uma vasta produção poética e de crítica literária em diversos jornais (BUENO, 2006, p 172).⁶ Entre 1922 e 1930, havia publicado diversos poemas nas revistas vanguardistas de São Paulo e Rio.

Orígenes Lessa, escritor premiado em 1938 por seus contos e com uma constante atuação na imprensa, incluindo jornais do Partido Comunista, como *Tribuna Popular*, era também um membro bastante influente na ABDE. Em 1946, esteve em Fortaleza participando, como representante nacional do I Congresso Cearense de Escritores (ANAIS, 1947, p. 293).

Arthur Ramos (1903-1949) era, dos membros do conselho editorial, o único intelectual da academia e possuía uma posição destacada nos meios culturais entre os anos 1930 e 40. Também era atuante na ABDE, sendo membro do Conselho Fiscal, antes de sua morte, em 1949 (ABDE, 1949). Esse grupo de intelectuais era liderado por Astrojildo Pereira e atuava na ABDE.

A situação de Astrojildo Pereira era bastante particular. Em

⁶ Manuel Bandeira era dos poucos escritores dessa geração que fazia críticas mais duras a uma literatura muitas vezes engajada, porém com pouca qualidade literária. Ver: BUENO, L. (2006, p. 172).

1930, fora afastado do PCB por discordâncias com o Comitê Central (PEREIRA, 1979).⁷ Astrojildo só retornaria ao PCB em 1945, porém, não mais como membro do Comitê Central. Suas atividades estavam concentradas, nesse momento, no campo das letras. Astrojildo foi um dos escritores que criaram a ABDE, assinando o estatuto de sua criação em 1943 junto com Manuel Bandeira, Rubem Braga, Francisco de Assis Barbosa, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, entre outros (ABDE, 1943). Além disso, participa do Primeiro Congresso da ABDE realizado em São Paulo, em 1945. A organização da Revista *Literatura* está inserida nesse contexto.

Nos anos 1940, diversas revistas e jornais literários eram publicados no Rio de Janeiro e São Paulo. Em estudo recente, Tânia de Luca faz um levantamento das revistas culturais fundadas entre 1916 e 1944 (LUCA, 2011, p. 69) Para o período da década de 1940, são identificadas as revistas *Cultura Política*, *Lanterna Verde*, *Diretrizes*, *Revista do Brasil*, *Dom Casmurro*, *Revista Acadêmica*. Entretanto, nesse curto intervalo dos anos 1946-48, apenas pode-se observar em sua tabela a circulação da *Revista Acadêmica* e *Dom Casmurro*. Ambas foram publicações literárias que tiveram fôlego e importância no debate cultural dos anos 1930-40. A primeira foi dirigida por Murilo Mendes e circulou entre 1933 e 1948. Em seu Conselho Diretor, trazia nomes de notáveis escritores, dentre eles alguns que também faziam parte da revista *Literatura* (ANTELO, p. 113).⁸ *Dom Casmurro* também foi uma publicação de certo

7 As divergências internas são apresentadas e discutidas por Astrojildo Pereira em "Discussão interna em 1928", "Notícia do III Congresso" e "Algumas observações e autocríticas". Este último texto escrito em 1954. Nestes estudos sobre o partido, Astrojildo aponta para as suas diferenças de opinião com respeito à posição tomada pelo Partido a partir do III Congresso e a distância do escritor da linha obrerista. In: PEREIRA (1979).

8 O Conselho tinha nomes como: Mario de Andrade, Álvaro Moreyra, Aníbal Machado, Portinari, Arthur Ramos, José Lins do Rego, Santa Rosa, Rubem Braga, Jorge Amado, Sérgio Milliet, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, Érico Veríssimo, Tavares Bastos, Hermes Lima e Carlos Lacerda. Ver: ANTELO, Raul (*Op. cit.*, p. 113).

fôlego (1937-1946). Era dirigida por Brício de Abreu e, como a *Revista Acadêmica*, teve importantes escritores e intelectuais como colaboradores (LUCA, 2011).⁹

Literatura: entre democracia e autoritarismo

O surgimento de *Literatura* nesse momento não deixa de ser revelador do clima político e cultural da época: o período entre 1946-48 é marcado por um primeiro momento de euforia pela redemocratização de 1945. A partir de 1947, esse processo sofre severas restrições. Em 7 de maio de 1947, o Partido tem sua inscrição suspensa. Nesse ano a revista consegue lançar apenas três números.

Em 1945, os partidos reorganizavam-se, inclusive o Partido Comunista, que fora legalizado em 1945 com a decretação do novo Código eleitoral em 28 de maio de 1945. Durante os dois anos em que se mantém na legalidade, o PCB alcançou expressividade eleitoral. Na eleição de 2 de dezembro de 1945, obteve 600.000 votos, elegendo 14 deputados e um senador na Assembleia Nacional Constituinte (CARONE, 1980, p. 11). A cassação de seu registro, em maio de 1947, bem como dos mandatos de seus deputados, expressa um longo processo de tensões que marcam o governo Dutra (OLIVEIRA *apud* FERREIRA, 2011). Já no primeiro aniversário da legalização do partido, o clima de repressão e perseguição era patente. O aniversário pretendia ser comemorado com a realização de comício no Largo da Carioca no Rio de Janeiro, porém o evento resultou na chacina noticiada pelos jornais. No *Diário da Noite*, a manchete sensacionalista

9 O grupo de redatores e colaboradores incluía nomes como: Aníbal Machado, Artur Torres Filho, Mozart Lago, Manuel Bandeira, Santa Rosa, Afonso Arinos, Armando Fontes, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Murilo Mendes, Gilberto Amado, Gilberto Freyre, Gastão Cruel, Sérgio Buarque de Hollanda, entre outros. Ver: LUCA (2011, p. 67-81).

anuncia: “Os Comunistas e as cenas de terror” (DIÁRIO DA NOITE, 1946).

O PCB, além de possuir uma extensa e pouco comum rede de publicações, dispunha de um grupo de intelectuais simpatizantes que somava na causa do Partido. Considerada a fase áurea de sua imprensa no Brasil, o Partido, através por meio da agência *Interpress*, distribuía pelo país jornais e revistas que não descuidavam da seção cultural (RUBIM, p. 373).¹⁰

Em setembro de 1946, quando *Literatura* foi lançada, a situação do PCB mostrava-se bastante frágil. Em março desse ano, o deputado do PTB, Barreto Pinto, pedia a cassação do partido. A ofensiva vinda do governo Dutra era permanente e atingia, sobretudo, as manifestações populares. O PCB, por sua vez, orientava seus correligionários para resistirem pacificamente, preservando a legalidade (PANDOLFI, 1995, p. 166). Já no primeiro número, *Literatura* noticiava o manifesto contra o fechamento do jornal *Tribuna Popular*. Nesse mesmo número, publicava carta ao Presidente da República, emitida pela ABDE, contra a prisão do escritor e membro do Conselho da revista, Álvaro Moreyra, e do advogado militante Aduino Lucio Cardoso.

No cenário literário, havia sido realizado, no ano anterior, o I Congresso Nacional da Associação Brasileira de Escritores. Embora o evento tivesse um forte caráter político, procurou legitimar-se e assegurar sua realização como evento cultural, respaldado pela numerosa participação de renomados escritores e intelectuais. A Associação, assim como o evento, tinha importância no processo de profissionalização do escritor brasileiro. No campo literário, os

10 Pela frequente situação de perseguição e ilegalidade nos anos 1940, dispõe-se ainda de poucos dados precisos sobre a totalidade de jornais e revistas vinculados ao PCB. Um trabalho importante e que procura dar conta desse vasto universo é o de RUBIM (*Op. cit.*, p. 373-469).

escritores conhecidos como os romancistas de 1930 eram ainda uma presença marcante.

Por sua vez, as editoras vinham conhecendo um *boom* editorial estimulado pela guerra, que, ao dificultar as importações de livros, permitiu que escritores nacionais tivessem preferência, assim como as traduções feitas no Brasil. As revistas literárias e culturais, apesar da dificuldade em manter-se e cumprir com a periodicidade a que se propunham, vão refletir essa dinâmica na medida em que aumenta o interesse das editoras pela divulgação de seus livros. Segundo De Luca, as revistas voltam-se para o leitor menos especializado, porém interessado por literatura e cultura, além de representar, de alguma forma, uma intervenção no debate público (LUCA, p. 125).

Na apresentação da revista, em seu primeiro número, definia-se claramente o sentido e o projeto literário. A posição desses intelectuais era de defender uma literatura militante. Em seus propósitos, opõem-se claramente ao significado de literatura como “passatempo, divertimento, jogo, esporte, luxo, bibelô bibliográfico” (LITERATURA, 1946, p. 1). Propõem-se a “servir com amor à cultura brasileira” e “ao povo brasileiro”. As palavras iniciais da apresentação situam muito claramente o campo de atuação dos escritores e intelectuais que fazem parte da publicação.

No número dois, a revista enfatizava que as lutas políticas pela redemocratização tiveram a participação dos intelectuais em 1945 e que estes seguiam uma tradição no Brasil exemplificada na Inconfidência Mineira, na Independência, na Abolição etc. Essa luta deveria continuar a ser feita no campo da cultura. Nessa proposição, é defendida a eliminação da oposição entre trabalho manual e trabalho intelectual e, por consequência, a afirmação da cultura não como privilégio, mas como bem comum (LITERATURA, 1946, p. 3).

Podem-se identificar na revista dois propósitos bastante claros.

Um primeiro, de ordem cultural, explícito em seu título, que era o de discutir literatura, e um segundo propósito, que era o de ser um órgão de militância intelectual. A hipótese do desinteresse do PCB, colocada por Rubim (RUBIM, p. 320), pode ser desenvolvida mediante uma outra perspectiva. Pode-se cogitar que o afastamento de Astrojildo do partido, suas divergências e o seu retorno via atuação na ABDE o levam a delinear uma revista que mantivesse uma posição mais autônoma e vinculada à associação.

As discussões na ABDE, em 1945 realçam o papel do intelectual e a importância de seu ativismo, seguindo o exemplo dos intelectuais na Europa: na França, em 1932, a *Association des Écrivains et Artistes Révolutionnaires* (AEAR), e, na Espanha, a Aliança de Intelectuais Antifascistas pela Defesa da Cultura, em 1935 (ORY, 1986, p. 96). A revista *Literatura* tinha inspiração nesses exemplos e, de fato, em diversas passagens evoca a atuação dos intelectuais franceses e espanhóis.

Um projeto militante

Foi como militantes, que a revista *Literatura* se referiu aos escritores que faziam parte desse projeto editorial. O propósito da revista, como mencionava a apresentação de seu número inaugural, era o de “servir à cultura brasileira”, discutir “literatura no seu sentido autêntico, ativo e militante”.

Inicialmente, é preciso ter cuidado com o significado dessa afirmação. Militante não no sentido de um partido político, mas especialmente com o sentido de uma literatura engajada e atenta à realidade nacional. Ainda que, no caso dessa revista, o tema da militância partidária pudesse ser determinante, isso não parece ser o sentido dessas palavras. O significado aponta muito mais para o que Antonio Candido chama atenção como sendo uma ideologização

que polariza a literatura e a cultura (CANDIDO, 1984). Como afirma o autor, se, no modernismo de 1920, a literatura contestou o purismo gramatical, em 1930 o caminho foi o da normalização. A literatura abriu-se desde então para a investigação da linguagem e dos temas fincados nas diversas realidades do país. Nesse momento, a “realidade brasileira” transformou-se em objeto da literatura e num conceito chave que articulava uma preocupação com os problemas sociais do país que, se tinha um desenho difuso e impreciso, na revista *Literatura* alcançava o sentido de uma orientação programática. O vocabulário repetiu-se em torno de “cultura brasileira”, “interesses do povo”, assim como numa associação que se estabeleceu entre intelectuais e o povo. A militância, portanto, não necessariamente indicava um partido, mas a necessidade de engajamento como modo de acionamento do que se considerava a função do intelectual na sociedade brasileira.

Os editoriais possibilitam medir o tom e as preocupações literárias e políticas que cercam cada número da revista. A apresentação da revista é bastante clara, como afirmado anteriormente. A literatura não é considerada como um mero “passatempo”, mas como um elemento essencial de reflexão e de exame da realidade e da cultura nacional, e, assim, como elemento pedagógico, de formação e “elevação do nível cultural das massas” (LITERATURA, 1946, p. 3).

Dos dez editoriais da revista, metade foi dedicada ao que poderíamos considerar como militância intelectual, ou seja, discutiam a realização e as pautas dos congressos de escritores e o compromisso dos intelectuais e artistas com a sociedade. Os escritores, poetas, homens de ciência, pensadores eram convocados desde o primeiro momento. Estes não poderiam “fugir ao influxo poderoso dos acontecimentos” e deveriam contribuir com sua arte para a “elevação cultural das massas”. Estas eram as palavras de ordem dos I e II

Congresso de Escritores em São Paulo e Belo Horizonte. Celebrava-se a nova fase da história brasileira, com o processo de redemocratização e lembrava-se do papel dos intelectuais na defesa da democracia e do fim do Estado Novo. Os intelectuais eram identificados com o povo e lhes era atribuída uma “missão”, conforme diziam, como coletividade. Esses foram os temas discutidos nos editoriais dos números um, dois, cinco, seis, nove e dez. Neste último, o editorial foi inteiramente dedicado ao Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz, realizado na Polônia em agosto de 1948.

A revista não apenas publica as teses do Congresso como sua declaração final e o discurso de Jorge Amado, um dos participantes que representavam o Brasil. Os demais editoriais estarão dedicados à literatura propriamente, ou seja: o editorial do número três, com o título “Um escritor do povo”, foi dedicado a Lima Barreto; o do quarto, ao “Centenário de Castro Alves”; o do sétimo apresentou um extrato de livro inédito de Gastão Cruls sobre o Rio de Janeiro; e o editorial da revista de número oito tratou sobre literatura infantil. Portanto, em seus dez números publicados, a revista *Literatura* teve a preocupação de posicionar-se claramente como espaço marcado pelo engajamento. Vale destacar ainda que, em duas ocasiões, foi abordada a questão dos direitos autorais, reivindicação levantada pela Associação Brasileira de Escritores e discutida nos seus congressos.

As demais matérias trazidas pela revista foram dedicadas à literatura, tanto em termos de crítica literária, de comentários e resenhas, quanto em publicações de poemas e trechos ou capítulos de livros inéditos.

De fato, a revista tinha o propósito de ser uma publicação literária e cultural, que representasse os dramas do mundo popular, da vida do trabalhador, do homem pobre do campo. Questionava-se sobre o tipo de literatura que era escrita no Brasil, quais eram os problemas

levantados. O primeiro número de *Literatura* lança um artigo, escrito por Graciliano Ramos, intitulado *Decadência do romance brasileiro*. Não deve passar despercebido o aparecimento dele no primeiro número da publicação. O texto faz um exame crítico da literatura dos primeiros anos do século XX até os anos 1940, momento em que se situa. No começo do século XX, segundo diz:

sujeitos pedantes, num academicismo estéril, alheavam-se dos fatos nacionais, satisfaziam-se com o artifício, a imitação, o brilho do plaquê. Escreviam numa língua estranha, importavam ideias, reduzidas. As novelas que apareceram no começo do século, medíocres, falsas, sumiram-se completamente (LITERATURA, 1946, p. 20).

Para Graciliano, foram o Modernismo e a Revolução de 1930 que geraram uma renovação no campo literário e abriram novos caminhos ao exibir um país que era desconhecido dos literatos. Não apenas renovara-se na forma usando uma linguagem local ou regional, mas sobretudo popular, como também no tema, mergulhando na sociologia e na economia, em que era possível observar as realidades do Brasil. Sua referência é ao romance do Nordeste: “Estavam ali pedaços do Brasil – Pilar, a ladeira do Pelourinho, Fortaleza, Aracajú.” Em diversas partes do Brasil, são publicados inicialmente em edições baratas, livros originais que despertam o interesse da crítica e dos leitores. Entretanto, para Graciliano, essa renovação só chega a 1935. Daí em diante, ele considera que veio a decadência. Os escritores passam a pensar no que é “necessário dizer. No que é vantajoso dizer. No que é possível dizer.” Dessa forma Graciliano finaliza seu texto. Entre as motivações do dever político, por um lado, e a censura, de outro, a literatura perdeu, para o autor, sua originalidade e vitalidade.

O artigo apresenta uma visão bastante crítica do que ele considera uma certa acomodação da literatura depois de legitimada e

estabelecida pelas instituições consagradoras, depois do sucesso dos primeiros anos. As renovações, como diria Antonio Candido, vinham sendo realizadas desde o Modernismo, que incorporava o negro e o mulato como objeto de pesquisa artístico e sociológico. Da mesma forma, pesquisam e utilizam formas arrojadas. (CANDIDO, 2006, p. 127). Graciliano apresenta, já em 1946, essa percepção das transformações da literatura, no entanto, considera que o ímpeto de renovação arrefece já nos anos 1940.

Neste primeiro número, deve-se destacar a publicação de poemas de Castro Alves e os comentários realizados por Manuel Bandeira. O artigo, intitulado “Autógrafo de Castro Alves”, fala sobre os manuscritos do poema “Phthysico” de Castro Alves. Manuel Bandeira destaca o valor do manuscrito como documento no qual se vislumbra o cuidadoso trabalho de escrita do jovem poeta abolicionista. Escrito em 1864, nele aparecem o mês e uma anotação com os indícios da prematura doença. Manuel Bandeira esclarece que sempre ficou intrigado com a profunda tristeza e precocidade do poema “Mocidade e Morte”, porém a leitura do manuscrito permitiu compreender melhor o cuidado e o rigor da escrita do poeta baiano. Em seguida, a publicação apresenta a seção de poemas com trabalhos de Jorge de Lima, Jorge Medauar e Walt Whitman.

Além de Graciliano Ramos e Manuel Bandeira, outros escritores e críticos publicam análises sobre literatura, como Nelson Werneck Sodré, que dedica um trabalho ao Pós-Modernismo, e Lucia Miguel Pereira, a Lima Barreto. O primeiro examina o romance de 1930, que nomeará de pós-modernista. Como Graciliano, atribui importância ao Modernismo por seu aspecto iconoclasta, que prepara o terreno para o aparecimento do romance de 30. Apontando algumas de suas formas renovadas, Werneck destaca brevemente:

entrada da língua popular para a literatura, as reminiscências de tradições e costumes locais, o levantamento, através da ficção, de todo um conteúdo cultural – na significação sociológica, – de determinadas regiões brasileiras. [...] O grande segredo, e a força mesmo do romance, depois de 1930, consistiu efetivamente na transferência ao plano da ficção dos grandes problemas coletivos que agitavam o país [...] (LITERATURA, 1946, n. 2).

Para Werneck, entretanto, um dos elementos mais relevantes do que ele destaca como o movimento de 30, por ser inspirada na realidade do povo, em seus problemas e utilizando sua própria linguagem, ampliou o público leitor. O advento desta literatura foi acompanhado por um surto paralelo da indústria do livro nacional. O crítico salienta que as transformações da sociedade brasileira, nos anos 1920 e 30, tornaram possível não somente que se escrevesse uma literatura considerada por ele como consistente, que se renovou ao falar dessa realidade, como também criaram um “interesse coletivo”, um público leitor interessado em ler sobre essa realidade.

O que existe de importante, pois, desde o movimento de 1930 – sempre aqui tratado como uma data, é bem de ver –, é a capacidade do povo para receber o gênero romance como atividade normal, a capacidade para compreendê-lo, para dar-lhe vida efetiva. Nenhuma atividade literária subsiste por si só, e a participação do público, isto é, do povo, nessa atividade, depois de 1930 é um traço de importância indiscutível (LITERATURA, n. 2, 1946).

O número três de *Literatura* foi dedicado a Lima Barreto. Já no editorial apresentava-o como um homem e escritor do povo. O editorial destaca a postura comprometida do escritor carioca, diante dos problemas sociais e políticos de seu tempo, relembrando o artigo publicado em 1919 a favor do proletariado russo. Seguindo

nessa trilha, enfatiza: “Hoje, se fosse vivo, estaria sem a menor dúvida na primeira linha dos combatentes da democracia. Estaria ao nosso lado, ao lado dos escritores antifascistas, ao lado das massas populares contra os restos do fascismo.” (LITERATURA, n. 2, 1946).

A revista, que, habitualmente, após o editorial, apresentava as matérias de destaque através por meio de um ou dois artigos, ofereceu nesse número dois textos: um da autoria de Lucia Miguel Pereira e outro de Francisco de Assis Barbosa. Ambos, já nessa data, eram atuantes intelectuais. Lucia Miguel havia iniciado sua trajetória de crítica literária em diversas revistas e jornais, como *Boletim de Ariel*, *A Ordem*, coluna Livros da *Gazeta de Notícias*, *Lanterna Verde* e *Revista do Brasil* (SANTOS, 2012, p. 29). Nesse extenso artigo de trinta páginas, a crítica aponta semelhanças da escrita de Lima Barreto com a de Machado. O mesmo processo psicológico dos personagens e os mesmo métodos dos dois romancistas os aproximam.

São sem dúvida vagas essas semelhanças, não permitindo pensar em influência, mas apenas em coincidências nas atitudes literárias e mesmo humanas de dois escritores noutros pontos tão diferentes; se é possível todavia falar em evolução do romance, o autor do Policarpo Quaresma será um continuador da linha do de Dom Casmurro, representando a ligação entre a sua obra e as correntes modernas, às quais por outro lado se prende. Se não teve a perfeição de forma nem a universalidade de Machado, foi mais humano, mais direto do que ele, antecipando na ousadia de seus processos algumas das feições posteriores do romance (LITERATURA, 1946, p. 12).

Para a autora, em Lima o problema da adaptação do mulato educado ao meio social é central e premente. Considera o escritor

único no seu tempo, ao tentar buscar fixar os costumes populares, trazendo a crônica da vida de uma cidade repleta de contradições, com seus subúrbios e mazelas.

Por sua vez, Francisco de Assis Barbosa dedica seu artigo à exposição de seu trabalho minucioso de análise e da organização dos papéis do escritor carioca. Após seu falecimento, Lima Barreto deixa indicada em inventário uma detalhada orientação sobre a localização de seus manuscritos e originais. Francisco Barbosa expõe, primeiramente, que os livros da biblioteca de Lima Barreto, formada por 800 volumes, perderam-se ao longo dos anos, após sua morte. Entre eles se encontravam muitas obras francesas, livros de Eça de Queiroz e Machado de Assis. Quanto aos papéis, foram preservados pela irmã do escritor, que os guardou até que foram entregues a Francisco Barbosa. A leitura atenta dos manuscritos revelou, segundo diz, um Lima Barreto desconhecido e imprevisível: “um escritor organizado, com sua vida intelectual perfeitamente ordenada e até mesmo carinhosamente arquivada.” (LITERATURA, n. 3, p. 34).

Francisco Barbosa apresenta ao leitor uma visão atenta sobre o suporte que Lima Barreto usava para verter sua literatura. Assinala as folhas de papel almaço da Secretaria de Guerra, utilizado por Lima Barreto no expediente burocrático, quando exercia a função de amanuense. No verso das folhas de despachos ministerial, foram encontrados diversos escritos do autor, assim como algumas páginas do diário. Francisco Barbosa detém-se ainda na exposição sobre os diários e as notas de leituras de jornal, material que, segundo afirma, deveria ser publicado sem os cortes que o poeta Pereira da Silva havia sugerido a respeito dos diários íntimos, alegando inconveniências. Barbosa critica as considerações do poeta. Não se tratava de “obra pitoresca”, mas um testemunho da “luta desigual que enfrentou [Lima Barreto] para sobreviver”. Eram notas de “crítica feroz” à

imprensa carioca e ao meio intelectual, que deveriam chegar ao conhecimento do leitor. (LITERATURA, 1946, n. 3, p. 35).

Dando seguimento à análise da revista *Literatura*, destaca-se, no número quatro, que, após editorial dedicado à lembrança do centenário de Castro Alves, os textos iniciais sofrem alguma mudança. Até aquele momento, depois dos editoriais, a revista apresentava trabalhos de crítica literária. Neste número, foram apresentados, seguindo a ordem: uma poesia de Sosígenes Costa; um artigo de Edson Carneiro sobre o candomblé na Bahia; um pequeno texto escrito por Astrojildo Pereira saudando Aníbal Machado por sua viagem à Europa; um poema de Jorge Medauar; um capítulo do livro *A sombra do Patriarca*, de Alina Paim; e uma correspondência entre Lima Barreto e Oliveira Lima. Observada a seção *Documentos*, pôde-se verificar que as datas dos manifestos publicados chegam a junho de 1947, data do manifesto inaugural da Liga de Intelectuais Anti-Fascistas (LIAF); portanto, o número quatro de *Literatura* só seria lançado seis meses depois do número anterior.

As mudanças na revista devem ser atribuídas às dificuldades econômicas e à conjuntura política que se desenvolve no ano de 1947, de acirramento das perseguições e censura que o governo Dutra desencadeou. Ainda no ano de 1946, a revista *Literatura*, em sua seção de notícias, publicou nota em nome da ABDE, datada de 3 de setembro de 1946, repudiando a prisão dos escritores Álvaro Moreyra e Adauto Lucio Cardoso ocorridos entre os dias 29 a 31 de agosto. Segundo diz a nota, Álvaro Moreyra teve sua residência violada e foi preso com seus familiares, sem justa causa, durante a madrugada. Por sua vez, o advogado e escritor Adauto Cardoso foi preso e espancado pelos policiais na sede da polícia quando estava no cumprimento de seus deveres profissionais. (LITERATURA, set. 1946, p. 80). A menção faz-se com o sentido de pedir ao presidente

Dutra a garantia dos direitos individuais que vinham sendo usurpados pelo autoritarismo do Estado. A própria revista publica, em janeiro de 1948, uma Proclamação da Associação Brasileira de Imprensa contra o clima de intolerância contra jornais e jornalistas. Nesse mesmo número, denunciavam-se os ataques realizados pela polícia nas oficinas da *Imprensa Popular*, com tiros, arrombamento de portas e agressão física aos jornalistas e trabalhadores. A notícia do protesto servia para reafirmar os princípios levantados pela revista: “os intelectuais brasileiros, plenamente conscientes dos seus deveres democráticos da defesa da liberdade e da cultura, reafirmam sua ativa vigilância aos ataques nos direitos de livre expressão do pensamento” (LITERATURA, 1948, p. 61).

No ano de 1947, apenas dois números foram lançados. A proposta de uma revista mensal estava enfrentando sérias dificuldades.

Os dois números desse ano são marcados por algumas diferenças importantes que revelam claramente o objetivo da revista. O editorial do número cinco, referente a julho-setembro de 1947, anuncia que dedicará o próximo número ao II Congresso Brasileiro de Escritores, realizado nos dias 12 a 16 de outubro em Belo Horizonte. As circunstâncias políticas de vigência de uma constituição democrática nova e a reação autoritária do governo fazem da realização do Congresso de Escritores, conforme afirmam, “um fato culminante [da] vida literária e cultural durante o ano de 1947. [...] Compreende-se que esta revista, pela própria natureza da sua orientação e dos seus objetivos, esteja particularmente interessada em divulgar e apreciar o trabalho levado a efeito pelo Congresso de Belo Horizonte” (LITERATURA, 1947).

Após o editorial, dá-se seguimento aos artigos sobre literatura, com uma análise crítica de *Ulysses* de James Joyce, realizada por Otto Maria Carpeaux, um estudo sobre a psicanálise e a criação literária

de autoria de Julio Paternostro, poesias de Oswaldino Marques e um conto de Joao Clímaco Bezerra.

No último ano, *Literatura* consegue lançar quatro números. No primeiro deles, o editorial foi substituído por um texto intitulado “Os primeiros visitantes da Guanabara”, onde o qual discute se de fato Martim Afonso de Sousa foi o primeiro a explorar a costa do Rio de Janeiro. No texto, aparece em nota de rodapé que foi extraído do livro *Aparência do Rio de Janeiro*, de Gastão Cruls, apenas publicado no ano seguinte. A revista mantém o formato da organização iniciada nos primeiros números. Daqui em diante, apresenta um artigo de crítica literária sobre o autor inglês Aldous Huxley. Escrito por Hugolino Uflacker, “O último Huxley”, o artigo considera o escritor inglês como um porta-voz da burguesia inglesa, marcado por uma cegueira ideológica. O crítico afirmava: “Diante do problema político-social contemporâneo Huxley se encontra praticamente desarmado, apesar da pujança de sua cultura e da genialidade de seu espírito”. (LITERATURA, n. 7, 1948).

No número nove, penúltimo a sair, ficaram claras as dificuldades de dar seguimento à publicação. O editorial trata especialmente do tema, ao aludir à formação de um grupo de amigos de *Literatura*. A revista havia sido retomada depois de um tempo de interrupção. Lembrou, no editorial assinado pelo Grupo de Amigos de *Literatura*, das dificuldades dos “empreendimentos culturais independentes”. Reclamava para si o espírito crítico que considera “quase desaparecido de nossa cena literária”. Este número seguiu com artigos de literatura assinados por Nicolás Guillén sobre a morte dos poetas espanhóis Garcia Lorca, Antonio Machado e Miguel Hernandez. Além desse texto, foram publicados estudos sobre a formação de falanstérios no Brasil, sobre o pensamento de Marx, poesia e textos literários de autores menos conhecidos. Dalcídio Jurandir publicou um texto

de menor fôlego, porém militante sobre a dominação dos *trustes* do petróleo no Brasil. Esse texto é seguido por outro, escrito por Aníbal Machado, em torno das obras de Portinari. Continuando a seção *Os Dias e as Obras*, Paulo Cavalcanti escreve sobre Eça de Queiroz, além de uma pequena seção sobre revistas estrangeiras redactada por Moacyr Werneck de Castro. Na seção *Documentos*, são publicados manifestos e protestos contra a repressão e a censura.

O último número da revista tem um caráter claramente militante. O editorial volta-se para o Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz, noticiando e reproduzindo o manifesto e apelo aos intelectuais do mundo; traz, em seguida, o discurso de Jorge Amado, um dos participantes e representantes do Brasil. Na seção *Vozes do Mundo*, também é publicado um manifesto em defesa de Pablo Neruda. Logo após esses textos, são publicados outros três mais de caráter literário – poemas, um conto e um estudo sobre poesia moderna. A esse estudo segue um outro debate também sobre poesia, porém situado numa discussão entre marxistas e não-marxistas. Escrito por Dalcídio Jurandir, procura comunicar a relação da poesia com as experiências sociais, algo que esteve na ordem do dia dos partidários do realismo socialista. As palavras finais de Jurandir são esclarecedoras: “Quero saudar em E. Carrera Guerra, o poeta que, entre os quatro de que falo nesta crônica, mais se aproxima da rua, do comício, das tarefas diárias da Revolução, da massa [...]” (LITERATURA, 1948, p. 53).

Considerações Finais

Literatura encerra sua circulação neste número, muito provavelmente sem que houvesse tal previsão. Nos poucos números, desde sua estreia, costumava anunciar seus projetos, bem como falava abertamente das dificuldades e impossibilidades de publicação continuada.

Neste último, entretanto, não há nada que permita antever a perspectiva de dar cabo da publicação.

A revista foi mantida por um grupo de intelectuais bastante atuante do Rio de Janeiro, todos eles vinculados diretamente à ABDE, responsável pelo pagamento dos direitos autorais dos escritores que nela publicavam. Em suas páginas, dará voz, portanto, aos intensos debates realizados na Associação e assumirá uma postura de engajamento contra a censura e as perseguições. Era constante o reforço do teor das declarações de princípios dos dois Congressos da ABDE.

Entretanto, além da publicação de manifestos e panfletos, a revista vai desenvolver um importante debate sobre os autores e a literatura do período. Como observamos, escritores consagrados publicam não apenas artigos de crítica, como também excertos de livros, poemas e contos, alguns inéditos. Também vai abrir espaço para autores estrangeiros, como Nicolás Guillen, García Lorca, Paul Elouard, cancioneiros da Guerra Espanhola, além de alguns autores russos como Máximo Gorki, M. Mitin etc. A escolha desses autores, assim como da literatura brasileira, não era casual. Todos representavam uma escrita marcada pelas preocupações sociais e políticas e seus autores eram engajados com algum tipo de militância política. A proposta militante, apresentada no primeiro número, manteve-se como um projeto constante por meio da publicação de textos literários e de crítica que tematizavam e pensavam os dilemas sociais no Brasil, assim como mantinham esse projeto divulgando e debatendo atividades políticas e culturais realizadas por esse grupo de escritores e intelectuais.

A repressão desencadeada a partir de 1947 tornava árdua a sobrevivência e publicação de revistas como *Literatura*. As mudanças operadas nos números finais denunciam uma campanha de

perseguições e censura. Como vimos, o último número abre com o editorial sobre o Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz, realizado na Polônia, em agosto de 1948, e que terá a participação de Jorge Amado. Sua publicação e o conteúdo precisam os contornos da Guerra Fria e o lugar dos intelectuais nessa batalha ideológica. No ano anterior, Andrei Zdanov já havia estabelecido o novo discurso dos partidos Comunistas e o papel privilegiado de intervenção do intelectual no embate de doutrinas (ORY, p. 155).

Referências

A Manhã, 20 de julho de 1944. <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> Consultado em 30 maio 2015.

A Manhã, 20 de dezembro de 1947. <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> Consultado em 30 maio 2015.

ABDE, Boletim Mensal de Literatura, CEDEM/UNESP, n. 1, agosto de 1949.

ABDE, Estatuto, 12/02/1943. Arquivo Astrojildo Pereira, Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

ABDE. Boletim Mensal, CEDEM/UNESP, n. 3, dezembro de 1949.

ABDE. Estatuto da Associação Brasileira de Escritores, CEDEM/UNESP, 1943.

ANAIS. Congresso Cearense de Escritores. Fortaleza, Edições Clá, 1947.

ANDRADE, C. Drummond. **Ata de sessão de posse da Diretoria da Associação Brasileira de Escritores**, 7 abr. 1949. (FCRB/CDA).

ANDRADE, C. Drummond. **Carta de 28 set. 1943**. Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB/CDA).

ANDRADE, C. Drummond. **O observador no escritório**. Rio de Janeiro, Record, 1985.

ANTELO, Raul. **Literatura em revista**. São Paulo: Ática, p. 234-292, 1984.

ARAÚJO, Mônica S. **A arte do partido para o povo: o realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PCB (1945-1958)**. (Dissertação de Mestrado em História), IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

BARBOSA, Francisco de Assis. **Carta a C. Drummond de Andrade**. 03 fev. 43. (FCRB/CDA).

BARBOSA, Julia M. Barbosa. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB**. (Tese de Doutorado em História), UFF, Niterói, 2010.

BUENO, Luis. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP/UNICAMP, 2006.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a cultura. *In: Novos Estudos*, CEBRAP, vol. 2, 4, São Paulo, 1984.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **A Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Itatiaia, 1997.

CARONE, Edgar. **A quarta República (1945-1964)**. São Paulo: Difel, 1980.

Diário da Noite, Rio de Janeiro, Ano XVIII, 24 maio 1946. <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Consultado em: 05 jun. 2015.

JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”. *Revista da USP*, São Paulo, junho/agosto, 1995.

Literatura, Rio de Janeiro, CEDEM/UNESP, ano I, n. 1, 1946, p. 3.

Literatura, Rio de Janeiro, CEDEM/UNESP, ano III, n. 8, p. 61, 1948.

LUCA, Tânia de. Brício de Abreu e o jornal literário *Dom Casmurro*. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 29, n. 49, jan./abr. 2013.

LUCA, Tânia de. **Leituras, projetos e (re)vista (s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo, Editora Unesp, 2011.

LUCA, Tânia de. O jornal literário *Dom Casmurro*: nota de pesquisa. **História**, Rio Grande, 2(3), 67-81, 2011.

MELO, Ana Amélia M. C. de. Associação Brasileira de Escritores: dinâmica de uma disputa. **Varia Historia**, vol. 27, n. 46, Belo Horizonte, p. 711-732, 2011.

MOISÉS, Massaud. **Pequeno dicionário de literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1999.

MORAES, Dênis. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

MORAES, Dênis. **O imaginário vigiado**. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53). Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MOTA, Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1978.

OLIVEIRA, Luis Eduardo. Na Tribuna Popular: a atuação sindical do PCB e o início da luta pelo abono de Natal no Rio de Janeiro (1945-1946). In: FERREIRA, Jorge. **O Rio de Janeiro nos jornais**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

ORY, Pascal; SIRINELLI, Jean-François. **Les Intellectuels en France, de l’Affaire Dreyfus à nos jours**. Paris, Armand Colin, 1986.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os novos bárbaros**. Escritores comunistas no Brasil (1928-1948). (tese de Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas: 2003.

PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e companheiro**. História e memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará 1995.

PEREIRA, A. **Ensaio histórico e político**. São Paulo, Alfa-Omega, 1979.

RICARDO, Cassiano. Carta de 12 de abril de 1949. FCRB/CDA

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil**. Teorias. Interpretações, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007, p. 320..

SANTOS, Juliana. **Ficção e crítica de Lucia Miguel Pereira**: a literatura como formação. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2012.



Este livro foi composto em fonte Adobe Garamond Pro, impresso no formato 15 x 22 cm em pólen 80 g/m², com 258 páginas e em e-book formato pdf.
Impressão e acabamento: Gráfica Bueno Teixeira
outubro de 2021.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Em defesa do livro livre! Esse o mote de entrada para começar esta prosa, assinalando em maiúscula e com a letra encarnada o que-fazer do Núcleo Antonio Candido de Estudos Literatura e Sociedade, na Universidade Federal do Ceará, espriando-se para fora do limite da burocracia institucional e das exigências da ideologia do produtivismo. Se Irenísia Torres e Ana Amélia Cavalcante são suas principais animadoras, fazem-no com a camaradagem de pendor socialista acolhendo sem assimetrias aos estudantes, colegas professores e pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. Esta publicação, ao modo de Colefânea de estudos e pesquisas, é uma sementeira do citado Núcleo. Um Tributo a Antonio Candido é também como se pode ler este livro. Nos diversos capítulos, vamos encontrar fulgurações de seu pensamento, não como uma interessada e certificadora referência, mas como um luminoso ponto de partida ou de indagação no novelo das pesquisas. O que é certo é que a leitura anotada à margem, dialogada em sala de aula ou como fruição e partilha do pensamento, motivaram os estudos donde partiu a anotação, a pergunta, a dúvida, o diálogo frutuoso.

